

JOSÉ PINHEIRO LOPES DE ALMEIDA

OITENTA ANOS

DE

UMA VIDA COM SENTIDO

1. – O que nos juntou hoje aqui foi a vontade de partilhar com o Dr. José Pinheiro Lopes de Almeida a alegria dos seus oitenta anos. Estamos aqui como amigos dele, amigos de muitas proveniências, amigos muito diferentes, mas todos unidos na amizade que lhe dedicamos e na consideração que lhe devotamos.

Todos sabemos, meu caro Zé Lopes, que vários Amigos teus poderiam muito melhor do que eu falar de ti e enaltecer as tuas qualidades de Homem, de Advogado e de Cidadão. Mas as circunstâncias impuseram-me o dever de te saudar em primeiro lugar. Sinto-me muito honrado por isso, embora receie não estar à altura das responsabilidades.

2. – Se eu fosse poeta, teria feito um poema para ti. Se eu fosse músico, teria composto uma música para esse poema e interpretava-a aqui, à guitarra, acompanhando o Zeca Afonso e o Adriano Correia de Oliveira, que tu acompanhaste tantas vezes (à guitarra e com outros instrumentos de luta), e que estão aqui hoje connosco (não podiam deixar de vir!), para te dar um abraço e para cantar contigo a liberdade e o futuro, como sempre fizeram.

Mas tu sabes que eu não sou poeta, e muito menos músico. Não passo de um prosaico prosador. Creio, porém, que hoje, como muitas vezes acontece, me hão-de valer outros prosadores e outros poetas, a quem pedirei emprestadas as palavras certas para te saudar com *fraternura* (começo já por utilizar esta belíssima palavra de João Guimarães Rosa). Vou esforçar-me por ser breve e serei simples, porque, com José Saramago (que aqui veio também, trazido pelo José Sucena), acredito que, “em assuntos de sentimento, quanto maior for a parte de grandiloquência, menor será a parte de verdade.”

3. – O José Lopes de Almeida entrou na minha vida em Coimbra no início dos anos 1960, quando ambos éramos estudantes da Faculdade de Direito.

Ouvia falar dele porque ele soube viver a vida ‘coimbrinha’ daquele tempo, frequentando as Repúblicas (então centros por onde passava muita da ação política da Academia Coimbrã contra o fascismo e depois contra a guerra colonial) e tocando guitarra em grupos de fados de Coimbra ou como membro da Tuna Académica da Universidade de Coimbra. É quase certo que o encontrei algumas vezes pela Sé Velha, até porque, se não erro, o Levy Baptista e o Manuel Pepe (ambos exímios executantes de viola), bem como o Zé Niza, viviam na República Baco, ali ao pé do Café Oásis.

Mas, em 1961, uma lista por ele encabeçada ganhou as eleições para a DG-AAC, referente ao ano letivo de 1961/62. A Direção eleita entendeu que a *Via Latina* (o jornal da AAC) deveria passar a ser dirigida por um estudante que não fosse o Presidente da Direção-Geral, alguém que tivesse mais tempo para dedicar à *Via Latina*, que se queria valorizar como instrumento da vida associativa e das lutas associativas. Propuseram-me essa tarefa e eu aceitei, porque as circunstâncias do tempo não permitiam que eu dissesse NÃO. Embora, desde que entrei para a Faculdade de Direito, frequentasse diariamente a ‘Universidade’ da Sé Velha – com créditos firmados no ensino da cidadania, onde conheci mestres inesquecíveis –,

posso dizer que comecei deste modo as minhas atividades como cidadão comprometido com a coisa pública.

Mas o estudante-cidadão José Lopes de Almeida assumira já, por essa altura, compromissos mais sérios no terreno da luta política. Por isso – juntamente com o Manuel Louzã Henriques, que esta aqui connosco – ele foi uma das referências da Academia de Coimbra no meu tempo de estudante. Como recompensa, as ‘autoridades’ não o deixaram tomar posse como Presidente da Direção-Geral da AAC. Chamaram-no de imediato para cumprir o serviço militar, e enviaram-no depois para a guerra em Angola. Além do mal que lhe fizeram a ele, as ‘autoridades’ privaram-me a mim do convívio com o Amigo que só mais tarde vim a conhecer pessoalmente. Em compensação, tive o gosto de conhecer e de ficar amigo do Francisco Leal Paiva, que viria a ser o Presidente da Direção-Geral da AAC. Por este facto, o Paiva foi expulso durante três anos de todas as Universidades portuguesas, bem como os restantes membros da Direção-Geral. Estão aqui, connosco, nesta festa de Amigos, aqueles que puderam vir: o Paiva, o António Taborda e a Margarida Lucas. Temos, pois, connosco, dois Presidentes da Direção-Geral da AAC: um, que foi eleito para o cargo que não lhe permitiram exercer; outro, que exerceu efetivamente essas funções, com o empenho e a coragem que o cargo exigia.

4. – A verdade, porém, é que o Presidente desterrado fez chegar à Redação da *Via Latina* dois textos seus, textos que passaram na censura e que foram publicados, um no nº de 16.12.1961, outro no nº de 7.4.1962 (o último número publicado da *Via Latina*, então suspensa por tempo indefinido).

No primeiro destes textos colhi uma espécie de autorretrato do José Lopes de Almeida: alguém cuja *moralidade essencial* (uso palavras suas) faz dele *um ser digno e generoso, amigo do seu amigo, atento às implicações genéricas do velho conceito de HONRA*.

Lida hoje aquela prosa dos verdes anos, é impressionante a maturidade com que aborda a problemática que se propôs tratar (*o significado das Associações Académicas*). Elas são importantes – escreve Lopes de Almeida – porque permitem aos estudantes iniciar-se nos “trilhos ingratos da prática”, “ligar-se aos problemas de um grupo social bem definido”, comprometer-se “no estudo e na realização de uma política académica”, penetrar no “campo vivo da ação”, desenvolver “o aspeto político do seu saber”, “lutar por coisas vivas”, educar-se a si próprio, porque – reparem no acerto desta afirmação – “educar é ensinar a ser livre.”

No que se refere ao segundo artigo, optei por dar-lhe um título em francês (extraído do texto: *Quand un pays n'a plus de justice, il n'a plus de liberté*) para tentar ‘enganar’ o capitão da censura. Neste outro texto, José Lopes de Almeida comentava, “com olhos e preocupações de universitário

português” (cito), um gesto público das Universidades francesas (6.2.1962) contra a “degradação das liberdades e da vida cívica na França”, saudando os professores e os estudantes franceses que, num momento em que estavam em perigo os mais elementares princípios da democracia, decidiram não ficar quietinhos na sua torre de marfim, optando por participar na vida nacional *responsavelmente e com vigorosa determinação*, sublinha o jovem José Lopes de Almeida.

Naquele “tempo carcerário” (palavras de um poema do Doutor Orlando de Carvalho, que insistiu em vir aqui dar-te um abraço), num tempo em que a Pátria era “lugar de exílio” (Daniel Filipe), tu soubeste andar “de mãos dadas com os perigos” (Sophia), dando um sentido à tua vida, bem ciente de que “a vida é o que fazemos dela” (Fernando Pessoa/Bernardo Soares). No filme de Clint Eastwood *As Pontes de Madison County*, a personagem principal, Francesca (Meryl Streep) diz a certa altura: “Nós somos as escolhas que fazemos, Robert”. É isto mesmo: *nós somos as escolhas que fazemos*, meu caro Zé Lopes. E tu tens todas as razões para estar satisfeito com as escolhas que fizeste e que honraste ao longo da tua vida, que muitas vezes te exigiu a coragem de, em vez de SIM, dizer NÃO, como o *operário em construção* do belíssimo poema de Vinicius de Moraes.

5. – Muitos não voltaram, alguns vieram numa *caixa de pinho*, mas *este soldadinho voltou do outro lado mar*, vivo e vivido. Concluiu então a

Licenciatura em Direito que fora obrigado a interromper, e, de imediato, o Dr. José Lopes de Almeida iniciou a sua vida profissional como advogado, defendendo sempre, na esteira de Camões, “leis iguais, constantes, que aos grandes não deem o dos pequenos.”

O jovem advogado rapidamente se impôs, desde logo no escritório do primo Luís Azevedo, onde sempre trabalhou. Defendeu presos políticos, mas tratou com brilho muitas outras causas, ganhando justo prestígio no seio da classe, como advogado sabedor, honrado e rigoroso. Mais tarde, já no Portugal de Abril, defendeu os interesses e os direitos dos trabalhadores da Reforma Agrária e das suas cooperativas e UCPs.

Estudante qualificado, José Lopes de Almeida cedo aprendeu “a não dormir sobre os manuais e as definições” (José Manuel Mendes), levando muito a sério o que sempre ouvimos na nossa Faculdade de Direito de Coimbra: *não há nada mais prático do que uma boa teoria*. Por isso ele foi sempre e continua a ser um leitor disciplinado, que nunca desiste de aprender, lendo tudo e separando criteriosamente os escritos de qualidade em que se apoia no exercício da advocacia, profissão que honrou como poucos.

Reconhecendo isto mesmo, o Conselho Geral da Ordem dos Advogados concedeu-lhe, em 2013, a *Medalha de Honra da Ordem dos Advogados*, “pelo seu elevado mérito e honorabilidade no exercício da advocacia, pelo assinalável contributo que deu para a dignificação e prestígio

da profissão, pelo seu empenhamento no exercício de funções ao serviço da Ordem, para cujo reforço e prestígio relevantemente contribuiu, e pelos relevantes serviços prestados na defesa da advocacia e do Estado de Direito.” Está tudo dito, não por mim, mas pela instituição que representa os advogados portugueses.

Como extensão da sua atividade de advogado, o Dr. José Lopes de Almeida é, há vários anos, membro da Associação Portuguesa de Juristas Democratas, que representa no nosso País uma importante *Associação Internacional de Juristas Democratas*, à qual tem dedicado, nos anos mais recentes, maior atenção, fruto das responsabilidades diretivas que nela assumiu.

A capacidade de organização e de mobilização de esforços e boas vontades do nosso Amigo Lopes de Almeida ficou bem patente no êxito que constituiu a *Conferência Internacional sobre o 50º Aniversário dos Pactos Internacionais dos Direitos Humanos*, que decorreu na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, entre 10 e 12 de novembro de 2016.

A influência de Lopes de Almeida é particularmente visível no Boletim da Associação, que ele transformou numa verdadeira revista de Direito e Cidadania.

6. – Privado, como refiro acima, do convívio pessoal com o José Lopes de Almeida, tive a sorte de o encontrar mais tarde, já depois do 25 de Abril.

Depois da *Revolução*, eu fui para ao Governo e o José Lopes de Almeida foi eleito deputado à Assembleia Constituinte, nas listas do PCP. Mas não nos encontrámos nessa altura. Porque os nossos campos de ação eram diferentes e a vida não deixava tempos livres.

Vimos a encontrar-nos mais tarde, na Fuzeta, onde então se juntava, nas férias grandes, um numeroso grupo de amigos. Foram tempos bem passados, de lazer e de conversa, a par de boa comida e alguma bebida.

E encontrámo-nos também na roda de Amigos que respeitávamos e admirávamos, reunidos à volta do casal Azevedo (o Luís Azevedo e a Amanda), umas vezes na casa do Dr. Luís Azevedo (aqui em Vouzela), outras na casa do José Lopes de Almeida (em Igreja de Cambra) ou na nossa casa em Celorico da Beira. Todos eles estão aqui para te dar um abraço comovido. Recordamo-los sempre com imensa saudade, mas hoje eles não faltaram à festa. Sabe bem tê-los connosco, matar saudades, e ver o carinho com que te abraçam.

7. – Homem da cidade, José Lopes de Almeida não esqueceu nunca as suas origens rurais. Daí o enlevo com que se dedica à sua casa de Cambra e às suas atividades como agricultor amador (amador, porque ama aquilo que faz e *põe tudo quanto é no mínimo que faz*, como aconselhava Fernando Pessoa/Ricardo Reis).

Daí também o carinho com que se tem ocupado do bem-estar das pessoas que aqui vivem, bem consciente de que é esta gente, “que não cabe nas crónicas” e não vem nos livros de História, é este povo “do arado e do remo, (...) o povo que trabalha dia e noite sem esmorecer”, é este o povo “que dá esperança”, porque “nunca traiu” (Miguel Torga), é este povo que faz a História dos povos, porque a História, tal como a poesia, como escreveu Mário Dionísio, “está na luta dos homens.”

É assim, não é, meu caro Zé Lopes?

8. – Leitor de Fernando Pessoa, José Lopes de Almeida sabe que “só o que sonhamos é o que verdadeiramente somos” (Bernardo Soares). Por isso alimentou o sonho de criar em Cambra um Centro Social e meteu mãos à obra, disposto a tornar o sonho realidade. E como *o caminho se faz caminhando* (Antonio Machado), o sonho é hoje uma realidade, da qual falará, muito melhor do que eu, outro dos seus obreiros, o nosso Amigo João Taborda.

Termino.

Parabéns, José Lopes de Almeida, pelos oitenta anos de uma vida com sentido! Honramo-nos da tua amizade e orgulhamo-nos de ser teus amigos.

Igreja de Cambra, 13 de janeiro de 2018
António José Avelãs Nunes